

A HISTÓRIA DE BENNY “KID” PARET: BOXEADORES CUBANOS, A REVOLUÇÃO CUBANA E A MÍDIA DOS EUA, 1959-1962¹

Christina D. Abreu²

Resumo: Este artigo examina a história da vida pessoal e da carreira no boxe profissional do boxeador afro-cubano Benny “Kid” Paret, entre 1959 e 1962. Paret faleceu nove dias após sofrer um espancamento brutal nos ringues, das mãos de Emile Griffith, e este artigo está focado no discurso público ao redor de sua morte, no contexto de relações tensas entre EUA-Cuba, crescente migração cubana para os Estados Unidos depois de 1959, e formações de identidades raciais e étnicas. Utilizando importantes jornais dos Estados Unidos, revistas e periódicos especializados em boxe, assim como jornais afro-americanos e na língua espanhola, este artigo contribui para o crescente corpo de literatura sobre latino/as, raça e esporte.

Palavras-Chave: Afro-cubano; boxe; raça; relações EUA-Cuba; jornais; latinos.

The Story of Benny “Kid” Paret: Cuban Boxers, the Cuban Revolution, and the U.S. Media, 1959-1962

Abstract: This article examines the personal life history and professional boxing career of Afro-Cuban boxer Benny “Kid” Paret between 1959 and 1962. Paret died nine days after suffering a brutal beating in the ring at the hands of Emile Griffith, and this article focuses on the public discourse surrounding his death in the context of strained U.S.-Cuba relations, increased Cuban migration to the United States after 1959, and race and ethnic identity formation. Using major U.S. newspapers, magazines, and boxing periodicals as well as African-American and Spanish-language newspapers, this article contributes to a growing body of literature on Latino/as, race, and sport

Keywords: Afro-Cuban; boxing; race; U.S.-Cuba relations; newspapers; Latinos.

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 38, número 1, 2011, p. 95-113. Traduzido com autorização da autora e do JSH. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte.

² Georgia Southern University, Statesboro, GA, Estados Unidos. Email: cdabreu@georgiasouthern.edu

Ainda que não sejamos experts em boxe e que nem gostemos do esporte brutal, nos perguntamos por que Manuel Alfaro colocou Paret contra Fullmer e o sujeitou a outro confronto duro contra Griffith somente alguns meses depois? Também, por que Rudy Goldstein não parou a luta antes? Será que Griffith lutou com ódio, por conta das desavenças entre ele e Paret? Deus ajude Benny Paret!

Luisa A. Quintero, colunista, *La Prensa*, 1962.

Benny “Kid” Paret despontou na cena profissional do boxe nos Estados Unidos em 18 de dezembro de 1959. O azarão fora do ranking derrotou o também peso meio-médio Charley Scott, da Filadélfia, Pennsylvania, por decisão unânime, em uma luta de dez assaltos no Madison Square Garden, em Nova York.³ O inesperado resultado, transmitido nacionalmente, surpreendeu grande parte do mundo do boxe e ajudou a estabelecer a legitimidade de Paret como um lutador meio-médio, dando gás a comparações laudatórias entre Paret e o lendário Kid Gavilán. Fora do mundo do boxe, outra pessoa acreditou que essa luta poderia significar muito mais do que uma marca na coluna de vitórias para o jovem boxeador. No dia anterior, o recentemente bem sucedido revolucionário Fidel Castro havia enviado para Paret um telegrama que supostamente declarava: “Venci minha Revolução. Agora cabe a você vencer sua batalha”. Pode-se suspeitar que essas não eram simples palavras de encorajamento na linha no corriqueiro “vai lá, rapaz!” ou “Você consegue, garoto!”. Com alguém ao lado do ringue fazendo piada de que o telegrama na verdade dizia a Paret que “vença, ou então”, é possível indagar o que Castro desejava ganhar, politicamente e simbolicamente, com uma vitória pública cubana sobre um cidadão dos EUA, na “arena mais famosa do mundo”.⁴ Esse incidente pouco conhecido sugere que a vida pessoal e a carreira profissional no boxe de Paret não podem ser facilmente desemaranhadas do contexto de desenvolvimento de tensas relações políticas entre Cuba, seu país natal, e os Estados Unidos, a terra onde ele esperava alcançar a prosperidade.

A carreira profissional de Paret tem um final bem definido, um lugar incontestável nos registros históricos: em 4 de abril de 1962, nove

³ QUINTERO, Luisa A. *New York La Prensa*, 30 mar. 1962. De acordo com registros não oficiais, o público no Madison Square Garden para a luta Scott-Paret foi de 2.305 presentes, com renda de \$ 4.401 (Pasta 1, caixa 39, caixa 880, Coleção Weston, Coleção de pesquisa The Joyce Sports, Universidade de Notre Dame, Notre Dame, Indiana – daqui em diante, Coleção Weston). Os juizes no ringue deram o placar de 6-3-1, 6-4, 7-3. CUDDY, Jack. Hail Benny Paret as the New Gavilán. *Chicago Defender*, 21 dez. 1959, p. 27.

⁴ Castro message bids Paret ‘Win your battle’. *New York Times*, 19 dez. 1959, p. 23; MCGOWEN, Deane. Paret outpoints Scott with speedy punching and footwork in Garden bout. *New York Times*, 19 dez. 1959, p. 23; Paret upsets Scott. *Miami Herald*, 19 dez. 1959, sec. D, p. 2; Benny Paret upsets Scott. *Washington Post*, 19 dez. 1959, sec. A, p. 14; Benny Paret upsets Scott in TV fight. *Los Angeles Times*, 19 dez. 1959, sec. A, p. 2; CUDDY, Jack. Hail Benny Paret as the New Gavilán. *Chicago Defender*, 21 dez. 1959, p. 27.

dias após defender o título dos meio-médios, o jovem boxeador afro-cubano faleceu. A forte surra que recebeu das mãos de Emile Griffith, o desafiante com quem havia lutado duas vezes antes, o deixou em coma, do qual ele nunca se recuperou. Mas as implicações mais amplas de sua história de vida permanecem majoritariamente desconhecidas. Sendo um afro-cubano de origem rural vivendo no turbilhão moderno das cidades de Nova York e Miami, a vida pessoal e a carreira no boxe de Paret fornecem uma complicada história de migração e mobilidade social. Paret precisou lidar com as múltiplas, e frequentemente opostas, expectativas de sua família, adversários, agentes, fãs de boxe e jornalistas esportivos. Ele também precisou enfrentar as expectativas dos fãs de boxe cubanos e não cubanos, que lotavam arenas ou se amontoavam ao redor de seus televisores nas noites de sábado, para vislumbrar o próximo Kid Gavilán. A história de Benny “Kid” Paret não se encaixa perfeitamente em nenhum paradigma de ascensão de imigrantes através de trabalho árduo e adaptação cultural, bem como não corresponde simplesmente a narrativas que traçam a ascensão e queda de fama e fortuna de celebridades. Ao invés disso, a história de Benny “Kid” Paret possibilita um olhar sobre a relação complexa entre esportes, política internacional e representações da mídia dos Estados Unidos. As tensas relações entre os governos dos Estados Unidos e de Cuba após a Revolução Cubana de 1959, assim como discursos públicos sobre o boxe, moldaram a forma com que a imprensa de língua inglesa e espanhola realizaram sua cobertura da trágica morte de Paret. Sua morte não serviu apenas como uma forte acusação contra o boxe, mas também revelou tensões dentro da comunidade cubana exilada.

“Sou o melhor lutador cubano”: a juventude e significância histórica de Paret

Nascido em Santa Clara, Cuba, em 14 de março de 1937, filho de Alberto e Maxima Crespo, Bernardo Paret y Valdes passou a maior parte de sua juventude como um trabalhador manual. Começou a trabalhar no campo muito jovem, ajudando a sustentar sua família cortando cana de açúcar por salários ínfimos, sob os raios imperdoáveis do quente sol tropical. Paret nunca completou nenhuma escolaridade formal na ilha e não sabia ler ou escrever em espanhol ou inglês. As diversões de sua juventude variavam do ocasional sorvete de creme a nadar e pescar com suas próprias mãos em um rio próximo. Manuel Alfaro, um cubano dono de restaurante em Nova York, descobriu Paret em uma viagem à Havana em procura de novos talentos, em 1958. Paret afirmou que aprendeu a lutar ainda criança, em Cuba, ressaltando que brutalidade e resiliência eram atributos comuns nas ruas, entre amigos e rivais: “Brigamos o tempo todo, com os punhos, com os pés, com pedras”.⁵ Quando repórteres solicitavam que descrevesse como decidiu embarcar na

⁵ EISENSTADT, Fred. Profile: Benny Kid Paret. *Ring Magazine*, mai. 1960, p. 18-19.

carreira do boxe, Alfaro, seu empresário, preenchia as lacunas por Paret. Alfaro declarou que um antigo lutador havia visto Paret em uma luta de rua, quando tinha 13 anos. Depois de apenas quatro meses de treinamento, ele já lutava nas ligas amadoras, com a incrível marca de 27 vitórias em 28 disputas, em um único ano. Em 11 de agosto de 1955, Paret entrou na liga profissional de boxe.⁶

Paret foi um dos diversos notáveis boxeadores cubanos a atrair atenção dos fãs de boxe profissional nos Estados Unidos no final dos anos 1950 e início dos 1960. Luis Manuel Rodriguez e Florentino Fernandez estiveram entre os dez maiores do ranking na divisão dos meio-médios, Rolando “Chico” Morales e Douglas Vaillant eram famosos entre os pesos-leves, o peso-pena Ultiminio “Sugar” Ramos e o peso-mosca Hiram Bacallao também atingiram boas colocações nos rankings de suas divisões. Paret nunca lutou contra Fernandez, mas Rodriguez, um homem a quem chamou de sua “principal nemesis”, era geralmente considerado o melhor dos três lutadores peso-médio, e “surrou” Paret em duas ocasiões, em 1958. Depois de conquistar o título de campeão mundial peso-médio sobre Don Jordan, de Los Angeles, Califórnia, em 27 de maio de 1960⁷, em um desafio pelo título que alguns defendiam que deveria ter sido de Rodriguez, Paret parece ter se dado conta de seus rivais cubanos e demonstrou um forte desejo de se distinguir de seus compatriotas.⁸ Ele afirmou que após visitar sua esposa, Lucy, no Bronx

⁶ EISENSTADT, Fred. Profile: Benny Kid Paret. *Ring Magazine*, mai. 1960, p. 49; HART, Louis. New champion Benny ‘Kid’ Paret. *Boxing Illustrated*, ago. 1960, p. 38-39; DOWN, Fred. Referee defends his judgment: ‘Boxing is that kind of game’. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, sec. D, p. 1; CONKLIN, William R.. Griffith beaten on split verdict. *New York Times*, 1 out. 1961, sec. S, p. 1; MURRAY, Jim. Boxing’s réquiem. *Los Angeles Times*, 27 mar. 1962, sec. B, p. 1; Paret dice Noqueara a Emile Griffith. *New York La Prensa*, 25 mar. 1962; QUINTERO, Luisa A.. Marginalia: Benny Paret. *New York La Prensa*, 30 mar. 1962, p. 12; GOODMAN, Murray. Kid Paret: judges’ dilemma. [Fonte de publicação desconhecida, encontrada na pasta 1, caixa 39, caixa 880, Coleção Weston]; LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47.

⁷ Registros não oficiais estimaram que a luta de Paret-Jordan pelo título atraiu uma multidão de 3.692 pessoas ao Centro de Convenções em Las Vegas. A renda da luta foi de \$ 38.930, com Paret recebendo \$7.786. Outro registro estimou que a parte de Paret na luta foi de \$5.087,20, cerca de 30 por cento do total da receita da bilheteria. VEGA, John de la. Jordan’s future bleak as purse, title gone. *Los Angeles Times*, 29 mai. 1960, sec. G, p. 5; Parnassus plans NBA protest over Paret title choice. *Chicago Defender*, 30 mar. 1960, sec. A, p. 23.

⁸ Foreign boxers advance in fight poll. *Chicago Defender*, 13 abr. 1960, sec. A, p. 22; JONES, Jersey. Successful invasion by Cubans. *The Ring*, dez. 1959, p. 6-7; Perfis dos lutadores vistos: *The Ring*, mar. 1960, p. 40; Fidel stops boxing, Cubans move out. *Ring Magazine*, nov. 1961, p. 5, 58; CHAPIN, Dwight. Napoles last of Cuban contenders. *Los Angeles Times*, 13 jun. 1968, sec. F, p. 8. Davey Moore morreu devido a ferimentos recebidos das mãos de “Sugar” Ramos em 21 de março de 1983, no estádio dos Dodgers em Los Angeles; Mentor of mighty mites. *Time*, 27 dez. 1971 [29 mar. 2011]; DYER, Braven. Sports parade. *Los Angeles Times*, 26 mai. 1960, sec. C, p. 2; Rodriguez arrives for bout here. *Los Angeles Times*, 1 abr. 1960, sec. C, p. 7; GOODMAN, Murray. Kid Paret: judges’ dilemma. [Fonte de publicação desconhecida, encontrada na pasta 1, caixa

e sua mãe, Maxima, em Cuba, seu objetivo seria “defender meu título contra todos e provar que sou o melhor lutador cubano”.⁹

Jornalistas esportivos também apontaram a entrada de boxeadores cubanos nos Estados Unidos. Os repórteres indicaram um declínio geral na quantidade e qualidade de “lanques nativos” e perceberam que “perdendo apenas para o maior e mais populoso México, que adora o boxe, Cuba exhibe uma excelente lista de jovens aspirantes ao ringue nos dias de hoje”.¹⁰ No momento certo, parecia que Cuba poderia fornecer os produtos necessários para o consumo da indústria do boxe e do público expectador dos Estados Unidos. Um repórter apontou para uma relação funcionalista entre os boxeadores cubanos e o boxe profissional nos Estados Unidos, ao afirmar que “Paret tem a oportunidade de ser útil ao boxe, e por ser um defensor do título em atividade, restaurar o interesse na categoria dos meio-médios”.¹¹

Pouco depois do triunfo da Revolução Cubana em janeiro de 1959, Castro começou a reprimir as apostas e a corrupção associadas aos esportes profissionais como boxe, baseball, luta livre e pelota basca, as quais ele baniu oficialmente em janeiro de 1962 (PETTAVINO e PYE, 1994, p. 69; SUGDEN, 1999, p. 150). Um jornalista previu o impacto da proibição de castro sobre o boxe profissional, apontando que “o verdadeiro impacto das ações de Castro contra o boxe pode ser visto pelo fato de encontrarmos sete cubanos entre os atuais dez maiores do ranking”.¹² Ele afirmou ainda que “o boxe americano pode assimilar todos esses homens. Suas habilidades e suas posições os capacitam a ganhar a vida em nosso país”.¹³

Longe de ser o solitário boxeador cubano esperando começar do zero nos Estados Unidos, a história de vida de Paret merece atenção especial, distinta desse grupo de boxeadores de Cuba e de outras partes da América Latina e do Caribe por diversas razões. Em primeiro lugar, seguindo as tradições dos lendários boxeadores cubanos Kid Chocolate e Kid Gavilán, Paret foi o terceiro cubano na história do boxe profissional a conquistar um título mundial. Paret seguia uma longa linhagem de boxeadores cubanos a adotar o apelido “Kid” e alcançar “glória no boxe dentro e fora de Cuba”. Em segundo, sua morte foi a primeira morte resultante de uma disputa pelo título desde 24 de junho de 1947, quando Jimmy Doyle faleceu em resultado dos ferimentos sofridos no ringue das mãos de Sugar Ray Robinson.¹⁴ Em terceiro lugar, a trágica morte de

39, caixa 880, Coleção Weston]; CARPENTER, Robert. A sensational new Cuban kid. *Boxing Illustrated*, jan. 1960, p. 14- 16, 65.

⁹ Cuban tells easy win over Don. Pasta 1, caixa 39, caixa 880, Coleção Weston.

¹⁰ JONES, Jersey. Successful invasion by Cubans. *The Ring*, dez. 1959, p. 6-7; BUCK, Al. Paret outpoints Jordan. *Ring Magazine*, ago. 1960, p. 18-19, 50; Review of 1961. *Boxing Illustrated*, jan. 1962, p. [ilegível].

¹¹ HART, Louis. New champion Benny ‘Kid’ Paret. *Boxing Illustrated*, ago. 1960, p. 38-39.

¹² Fidel stops boxing, Cubans move out. *Ring Magazine*, nov. 1961, p. 5, 58.

¹³ Fidel stops boxing, Cubans move out. *Ring Magazine*, nov. 1961, p. 5, 58.

¹⁴ RUSK, Howard A.. Paret: a prognosis. *New York Times*, 1 abr. 1962, p. 52.

Paret despertou uma controvérsia nacional e internacional. Ela motivou investigações locais, estaduais e federais sobre a luta pelo título e levou muitos jornalistas esportivos, fãs do boxe e agentes do governo a questionar a integridade do próprio esporte e a fazerem pressões por sua reforma. A repercussão das críticas ao confronto Paret-Griffith forçou corporações patrocinadoras e redes de TV a se desassociarem do esporte e, talvez apenas por um breve período, ameaçou acabar com o boxe profissional nos Estados Unidos.

Os estudos históricos sobre o boxe profissional nos Estados Unidos são majoritariamente focados nos lutadores pesos-pesados, populares durante a primeira metade do século XX. Confrontos de pesos-pesados tendiam a chamar a maior parte dos fãs e geravam os maiores lucros. Dessa forma, grande parte da literatura sobre o boxe profissional examinou as vidas pessoais e as carreiras de grandes nomes do boxe, como Jack Johnson e Joe Louis. Os pesos-pesados Muhammad Ali e Mike Tyson despertaram o interesse de historiadores da segunda metade do século XX, ainda que muitos desses estudos reflitam sobre o declínio no talento e na popularidade do esporte desde os anos 1950 e 60 (GORN, 1998; ROBERTS, 1983; 2010; ROBERTS e GARRISON, 2000; SAMMONS, 1988; SUGDEN, 1999; ZANG, 2004). Boa parte dessa história compartilha uma narrativa em comum: o boxe possibilitou que homens pobres e trabalhadores (primeiro de etnia italiana, irlandesa e judia, depois lutadores afro-americanos) melhorassem suas posições econômicas e sociais na sociedade americana. Pouco depois do final de suas carreiras, diz a história familiar, a maioria desperdiçava o dinheiro que haviam conseguido economizar e desaparecia na obscuridade, com poucas habilidades além de um gancho de esquerda e um jab de direita. Ainda assim, como o historiador Jeffrey T. Sammons (1988, p. 236) apontou, “quando um boxeador desprivilegiado alcança o sucesso contra incríveis dificuldades e imensos obstáculos, sob enormes custos pessoais, a esperança de todos os americanos se eleva”. Por exemplo, americanos brancos e negros viram a vitória de Joe Louis sobre o alemão Max Schmeling, em 22 de junho de 1938, como heroica e simbólica da força e persistência do país após a Grande Depressão e o possível envolvimento na II Guerra Mundial (SAMMONS, 1988, p. 97).

Muito da história do esporte em Cuba está ligado ao envolvimento dos EUA na ilha desde o final do século XIX, o que sugere que Cuba e os Estados Unidos compartilham, historicamente, “laços de intimidade singular”. Por exemplo, historiadores notaram o papel de Theodore Roosevelt e seus Rough Riders¹⁵ na popularização dos esportes modernos como baseball e boxe na ilha, durante a Guerra Hispano-americana (GORN, 1986; PÉREZ JR., 1988; 1997; 1998; 1999; SUGDEN, 1999). O historiador Louis A. Pérez Jr. (1999, p. 175-176) argumenta, no entanto, que “foi com a luta da ‘grande esperança branca’, entre Jack

¹⁵ Rough Riders era o nome do Primeiro Regimento de Cavalaria Voluntária dos Estados Unidos na Guerra Hispano-americana. O regimento foi liderado por Theodore Roosevelt, que seria presidente dos Estados Unidos de 1901 a 1909 (Nota do Tradutor).

Johnson e Jess Willard, no Oriental Park em abril de 1915, que o boxe conquistou um público de massa”. Estimativas indicam que quase 25.000 cubanos e 5.000 turistas norte americanos assistiram a luta no Oriental Park, e em 1920 Cuba já tinha formado sua própria associação de boxe profissional e contruído duas novas arenas de boxe em Havana (PETTAVINO e PYE, 1994). Através de encontros de militares (ocupações de 1898-1902 e 1906-1909) ou do imperialismo cultural (turismo), “o esporte se tornou uma parte do processo geral e gradual através do qual a sociedade cubana adotou muitas das preferências culturais dos Estados Unidos” (SUGDEN, 1999, p. 133). Por exemplo, Pérez afirma que “o baseball em Cuba no século XIX oferece uma medida da sociedade colonial em transição – ele era uma expressão de mudança e um agente de mudança” (PÉREZ JR., 1994, p. 505). Em sua luta por independência no século XIX, cubanos de todas as idades, classes e raças abraçaram o baseball, associado com os Estados Unidos e a modernidade, e rejeitaram a tourada, associada à Espanha e à barbárie (PÉREZ JR., 1994).

Historiadores do esporte na Cuba pós-revolucionária não foram imunes aos debates polêmicos que dominaram o campo de estudos cubanos. Um estudo que examina o sistema esportivo cubano desde 1959 dá a Castro o crédito por possibilitar o acesso a atividades esportivas a todos os cubanos e argumenta que “ainda que haja problemas, as boas características do sistema esportivo cubano seriam infelizes perdas, caso o sistema socialista de Cuba entre em colapso” (PETTAVINO e PYE, 2002, p. 158). Uma antecipação ansiosa da morte de Castro e do final do comunismo na ilha assombra muito dessa história, dando origem a estudos que elogiam as reformas de Fidel e o sucesso do boxe e do baseball amadores cubanos em competições internacionais, como as Olimpíadas, ou criticam seu governo pelo controle rígido e limitadas liberdades dadas a seus atletas. No lugar de expor as mudanças e continuidades no esporte em Cuba antes e depois de 1959 através dos métodos da história social e cultural, grande parte dessa literatura se limita a prever o futuro do boxe amador e profissional depois de Castro sob a perspectiva das relações políticas dos EUA e de Cuba (PETTAVINO e PYE, 1994; 2002; TORRES, 1999).

Com a exceção de poucas investigações sobre a carreira de Oscar de la Hoya, os historiadores ignoraram em larga escala os muito boxeadores da América Latina e do Caribe que lutaram nos ringues pelos Estados Unidos durante a segunda metade do século XX. Um dos principais objetivos deste estudo é oferecer um olhar sobre o pepel e as representações midiáticas de atletas latino/as nos Estados Unidos, enfatizando a formação de redes culturais multidirecionais formatadas pela migração transatlântica e pelo crescimento de indústrias de cultura de massa. Imigrantes afro-caribenhos, especialmente de Cuba, Porto Rico e da República Dominicana, se amontoaram em bairros urbanos nos Estados Unidos em ritmo crescente durante os anos 1950 e 60, marcando o início do que foi chamado de “latinização da cidade de Nova York” (BURGOS JR., 2007, p. 4). Ainda que esse período também tenha

marcado um certo desinteresse pelo boxe, a crescente popularidade da televisão como meio dominante de entretenimento aumentou a (in)visibilidade de um imigrante afro-caribenho como Paret. O historiador Adrian Burgos Jr. estudou jogadores de baseball latinos nos Estados Unidos por todo o século XX e propõe um interessante modelo para a compreensão de como esses migrantes transatlânticos, uma categoria em que certamente podemos colocar Paret, experienciavam a raça nos Estados Unidos. Burgos defende que esses atletas de baseball “não entraram nos campos dos Estados Unidos como simplesmente negros ou brancos. Na verdade, muitos ocupavam uma posição entre os polos dos brancos (inclusão) e negros (exclusão)” (BURGOS JR., 2007, p. 204). Jogadores de baseball latinos eram racializados como indivíduos da América de língua espanhola, como Outros não-brancos, ou como de ancestralidade “hispanica”. Ele afirma que os jogadores latinos dos períodos de integração e pós-integração continuaram a vivenciar “a amarra dupla da diferenciação cultural e posição racial” (BURGOS JR., 2007, p. 204), e muito disso também pode ser atribuído às experiências de Paret nos Estados Unidos (BURGOS JR.; 1997; DELGADO, 2005; HASLIP-VIERA, 1996; LAO-MONTES, 2001; RODRIGUEZ, 2002).

Os confrontos com Emile Griffith: disputas por títulos, dinheiro e masculinidade

Nenhum evento garantiu mais o controle de Paret sobre a atenção do mundo do boxe do que a série de três confrontos contra o meio-médio Emile Griffith. Originário das Ilhas Virgens Americanas, Griffith vivia em Nova York, onde trabalhava como designer de chapéus e cantava no coral da igreja do bairro. O primeiro encontro de Paret e Griffith ocorreu no dia 1º de abril de 1961, no Centro de Convenções de Miami Beach, perante um “decepcionante público de 4.618 e bilheteria de \$20.314”.¹⁶ Paret dominou Griffith nos primeiros assaltos da luta pelo título, mas caiu no 13º assalto, marcando o primeiro nocaute nas 46 lutas de sua carreira e dando fim ao seu reinado de 10 meses como campeão meio-médio. Jornalistas responderam com críticas variadas: alguns descreveram a luta como nada mais do que “disputas de clinches” e que “esteve longe de ser um encontro emocionante”, ainda que outros afirmassem que o público “teve mais do que pagou para ver”.¹⁷ A mãe de Griffith quase desmaiou ao entrar no ringue para festejar a vitória do filho. O novo campeão revelou que foi um leva tapa no rosto dado por seu treinador, Gil Clancy, que atíçou sua motivação no último assalto. Ele disse: “Fiquei nervoso quando [Clancy] me bateu (no 13º assalto) e fui atrás dele [Paret]”.¹⁸ Já o canto de Paret, por outro lado, parecia muito decepcionado

¹⁶ POPE, Edwin. Griffith KO's Paret in the 13th. *Miami Herald*, 2 abr. 1961, sec. D, p. 1.

¹⁷ LIPSYTE, Robert M.. A title for a fighting choir boy. *New York Times*, 3 abr. 1961, p. 38; EPHREM, Tom. Griffith crowned king. *Ring Magazine*, jun. 1961, p. 6-7, 53.

¹⁸ BURNS, Jimmy. Griffith's mom almost floored by KO and excitement of fight. *Miami Herald*, 2 abr. 1961, sec. D, p. 3.

e ofereceu diversas desculpas para explicar a derrota. Com Alfaro trabalho como intérprete, Paret atribuiu a derrota a sua limitada habilidade com o inglês: “Ele não entendeu a contagem. Essa foi a primeira vez que ele foi derrubado. Ele não sabe contar até dez em inglês”. E Alfaro completou rapidamente que “ensinaremos ele a contar até dez antes da revanche”.¹⁹ Um repórter parecia cético, ressaltando ironicamente que “ele evidentemente também não conseguia contar o número de voltas dos braços de Peerless [o juiz]”.²⁰ A equipe do antigo campeão também atribuiu a derrota ao fato de que, pouco antes da luta, Paret teve que perder cerca de três quilos para atingir o peso. A derrota custou mais do que o título a Paret. Ele também perdeu uma turnê pela Europa, onde planejava encontrar Brian Curvis, do país de Gales, e Dulio Loi, da Itália, em duas lutas de exibição que renderiam, juntas, quase \$160.000.²¹

Cinco meses depois, em 30 de setembro de 1961, Paret enfrentou Griffith por uma chance de reconquistar a coroa dos meios-médios. Paret não era o favorito na luta, que teria cobertura televisiva nacional do Madison Square Garden, cotado a 4 para 1, e a maioria dos torcedores e especialistas em boxe presentes pareciam surpresos quando os juizes deram a decisão dividida em seu favor. Paret havia reconquistado o título, mas muitos questionaram a decisão, reclamando que a “luta foi manchada por agarrões e cabeçadas” e que o estilo de luta de Paret enganou os juizes.²² Pesquisas informais revelaram que 18 dos 22 jornalistas presentes na luta haviam apontado Griffith como vencedor. O público de cerca de 6 mil torcedores reagiu à polêmica decisão com “uma mistura de aplausos e vaias estridentes”²³ Nat Fleischer, experiente editor da revista *Ring Magazine*, descreveu a reação do público: “A maioria daqueles presentes não concordaram com o veredito e as tradicionais vaias e gritos de desaprovação seguiram o anúncio do vencedor”.²⁴ Fleischer pediu um terceiro confronto para decidir a supremacia entre os lutadores. Imediatamente após a decisão dividida, Alfaro se recusou a considerar uma nova luta contra Griffith: “Vamos para a Europa. Eles não nos deram uma chance de ganhar dinheiro quando podíamos. Agora vamos conseguir.”²⁵ Estima-se que cada lutador tenha recebido aproximadamente \$25.000 pela revanche, cerca de 30% dos \$60.000 dos direitos de transmissão da televisão e 30% dos \$20.000 da bilheteria. Não é surpreendente que a derrota tenha ultrajado a equipe de Griffith, e

¹⁹ BRATAGER, Pete. Griffith took tip; Paret cried ‘can’t count in English’. *Miami Herald*, 2 abr. 1961, sec. D, p. 5.

²⁰ Ibid.

²¹ Ibid.

²² FLEISCHER, Nat. Paret regains throne. *Ring Magazine*, dez.1961, p. 6, 49.

²³ CONKLIN, William R.. Griffith beaten on split verdict. *New York Times*, 1 out. 1961, sec. S, p. 1.

²⁴ FLEISCHER, Nat. Paret regains throne. *Ring Magazine*, dez.1961, p. 6, 49.

²⁵ Paret decisions Griffith to regain Welter Crown. *Miami Herald*, 1 out.1961, sec. C, p. 2.

Clancy chegou até a sugerir conluio.²⁶ Griffith contribuiu com uma reportagem da revista *Ring Magazine*, onde expressou seu descontentamento com a decisão: “Se não arrebentei Paret, então os Estados Unidos perderam a Segunda Guerra Mundial”.²⁷ Confiante, ele fazia pressão para uma nova luta: “Se tiver uma nova chance, vou nocauteá-lo. Isso não é arrogância, é apenas uma convicção baseada no que eu tenho contra o que ele tem”.²⁸

Os empresários do boxe devem ter oferecido o preço certo, uma vez que a atitude de Alfaro de “nunca, sem chance, em nenhum lugar”,²⁹ em relação a uma revanche com Griffith, acabou mudando alguns meses depois. Um comentarista, o repórter cubano Jess Losada, acusou os empresários do Madison Square Garden e da Comissão Estadual de Nova York de pressionar Alfaro para conseguir um terceiro duelo. Provavelmente devido a múltiplas motivações, os dois lutadores (e seus empresários) concordaram em acertar as contas no dia 24 de março de 1962, em uma luta pelo título dos meios-médios, que seria televisionada para todo o país diretamente do Madison Square Garden. Os empresários chamaram a luta de um ajuste de contas decorrente da “controversa decisão dada” a Paret sobre Griffith, e os dois lutadores, que ocasionalmente se encontravam nas ruas do Bronx, onde ambos moravam, tinham poucas palavras gentis para o outro.³⁰ Poucos dias antes da luta, Paret parecia confiante em suas chances de vitória: “Não espero uma luta fácil, mas não tenho dúvida de que ainda serei o campeão quando este confronto acabar. Treinei muito para essa disputa e não pretendo perder”.³¹

Horas depois, quase oito mil pessoas, praticamente o dobro de torcedores do primeiro confronto Paret-Griffith, lotaram a arena para o espetáculo. Griffith entrou no ringue como o grande favorito, e parecia ter o controle sobre grande parte da luta, até que Paret o derrubou no sexto assalto, levando-o a uma contagem até oito. Paret tinha conquistado a reputação de ser capaz de aguentar um soco, e alguns comentaristas se referiam a ele como “o garoto cubano com queixo de ferro”.³² Ainda que Paret parecesse estar ganhando forças no 11º assalto, Griffith retornou no 12º “virtualmente louco”, um “maníaco” à solta.³³

²⁶ CONKLIN, William R.. Griffith beaten on split verdict. *New York Times*, 1 out. 1961, sec. S, p. 1; Benny Paret regains title. *Washington Post*, 2 out. 1961, sec. A, p. 24.

²⁷ GRIFFITH, Emile. ‘I wuz robbed’ in exclusive story he gives inside facts of split decision loss of Welter Title to Paret. *Ring Magazine*, jan. 1962, p. 6-7, 43.

²⁸ Ibid.

²⁹ CONKLIN, William R.. Griffith beaten on split verdict. *New York Times*, 1 out. 1961, sec. S, p. 1.

³⁰ LUIS, Miguel. La Cuestion del Dia. *New York La Prensa*, 3 abr. 1962, p. 11; HALL, John. Moore to bar public in local workout. *Los Angeles Times*, 18 mar. 1962, sec. G, p. 11; PICOU, Tommy. Tommy’s Corner. *Chicago Defender*, 28 mar. 1962, p. 23.

³¹ Paret and Griffith in showdown bout. *Pittsburgh Courier*, 17 mar. 1962, sec. A, p. 28.

³² FLEISCHER, Nat. A man gone berserk. *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 6-9.

³³ LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47; ‘Berserk’ Griffith KOs Paret in 12 to regain crown. *Miami*

Depois de “uma sequência que começou com dez uppercuts de direita no queixo”,³⁴ Paret caiu aos dois minutos e nove segundos do 12º assalto e o juiz Ruby Goldstein interferiu para parar o “espancamento”.³⁵ Goldstein sofreu para refrear Griffith, que parecia incapaz de conter sua felicidade com a vitória. Momentos depois, médicos e a equipe de Paret correram para o desfalecido lutador, encontrando-o inconsciente e severamente machucado. Paret foi prontamente levado de ambulância ao Hospital Roosevelt, onde passou três horas em uma neurocirurgia de emergência para remover um coágulo do cérebro.³⁶

As reportagens buscaram imediatamente algo ou alguém para culpar pelo “ataque selvagem de dois punhos”³⁷ testemunhado por estimados 14 milhões de telespectadores atraídos “não apenas porque era uma luta pelo título, mas também porque dizia-se que ela havia se tornado uma luta rancorosa entre dois homens”.³⁸ Artigos subsequentes acusaram Alfaro e sua equipe, afirmando que a cobiça havia comprometido o gerenciamento da carreira de Paret. Nos seis meses até o terceiro confronto com Griffith, Paret havia subido de peso, de 66,22 para 71,10 quilogramas, para lutar contra o campeão peso médio Gene Fullmer em Las Vegas, perante mais de seis mil pessoas. Poucos especialistas no boxe acreditavam que Paret tinha alguma chance de derrotar Fullmer, e muitos viam o confronto como um mero esquema financeiro que rendeu \$40.000 a Paret.³⁹ Uma reportagem descreveu a luta como “um desperdício injustificado, desnecessário e certamente sem apelo”, argumentando que “[o] que Paret precisava era de um longo, longo descanso. Os torcedores sabiam isso, Fullmer também – e por que os empresários de Paret, os promotores da luta e a Comissão não sabiam?”⁴⁰

Alfaro respondeu as críticas desviando a culpa para Goldstein. Ele afirmou: “Perdi um campeão por negligência do juiz. Paret nunca poderá lutar novamente caso sobreviva”.⁴¹ Alfaro insistia que havia sinalizado para que Goldstein parasse a luta muito antes do corpo inerte de Paret

Herald, 25 mar. 1962, sec. D, p. 3; FLEISCHER, Nat. A man gone berserk. *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 6-9.

³⁴ TEAGUE, Robert L.. Griffith is victor. *New York Times*, 25 mar. 1962, p. 201.

³⁵ ‘Berserk’ Griffith KOs Paret in 12 to regain crown. *Miami Herald*, 25 mar. 1962, sec. D, p. 3.

³⁶ Boxer hovers near death; inquiry asked. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, p. 1.

³⁷ Miami boxer unconscious after fight. *Miami Herald*, 25 mar. 1962, p. 1.

³⁸ Death in the ring. *New York Times*, 8 abr. 1961, sec. E, p. 2; Boxer hovers near death; inquiry asked. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, p. 1.

³⁹ PAGE, Don. Sportslook. *Los Angeles Times*, 24 mar. 1962, sec. B, p. 5; FLEISCHER, Nat. A man gone berserk. *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 6-9; CARMICHAEL, John P. Where was Kid’s pilot when match was OKd? *Miami Herald*, 29 mar. 1962, sec. C, p. 2; LUIS, Miguel. La cuestion del dia. *New York la Prensa*, 3 abr. 1962, p. 11; FLEISCHER, Nat. Nat Fleischer speaks out! *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 5; Fullmer 3-1 choice. *Washington Post*, 8 dez. 1961, sec. C, p. 3; Dateline in sports. *Los Angeles Times*, 13 dez. 1961, sec. C, p. 5; WILLIAMS, Charley. Fullmer challenges Downes. *Ring Magazine*, fev. 1962, p. 30-31.

⁴⁰ *Boxing Illustrated*, jun. 1961, p. 14-15.

⁴¹ LIPSYTE, Robert M.. Paret’s manager says Goldstein should have halted bout sooner. *New York Times*, 26 mar. 1962, p. 40.

cair na lona, argumentando que “eu gritava do meu canto para que ele parasse a luta – mas ele a deixou prosseguir”.⁴² Observadores no local, entretanto, responderam que nem Alfaro nem qualquer outro da equipe de Paret demonstrou qualquer sinal de querer que a luta parasse. O mundo do boxe em geral considerava Goldstein um excelente juiz, e a maioria das reportagens prontamente o inocentaram de qualquer erro, citando sua reputação por parar lutas cedo demais como evidência de seu bom senso.⁴³ Goldstein, por sua vez, justificou sua resposta à série de socos de Griffith comentando sobre o estilo de boxe de Paret: “Eu sabia que Paret era um sujeito forte. Algumas vezes, no primeiro assalto, ele não vai tão bem. Depois ele se recupera e começa a lutar”.⁴⁴ Goldstein também participou do jogo de apontar culpados que circulava na mídia nos dias e semanas que seguiram a luta, culpando o próprio boxe: “É claro que estou torcendo para o rapaz se recuperar. Mas ainda digo que minha decisão foi acertada. O boxe é esse tipo de jogo – um jogo duro no qual essas tragédias por vezes ocorrem”.⁴⁵

Com Paret inconsciente em seu quarto no hospital, com poucas chances de recuperação, especulações sobre sua carreira e seu comportamento momentos antes da luta circulavam pela mídia. Alguns jornalistas e editorialistas esportivos sugeriram que Paret podia apenas culpar a si próprio pela surra brutal que havia acabado de receber. A tensão entre os dois lutadores tinha fervido na cerimônia de pesagem antes da luta, quando Paret teceu “comentários em detrimento da masculinidade de Griffith”.⁴⁶ Outro artigo descreveu o comportamento de Paret como “irrefletidamente cruel”, afirmando que “ele alfinetou Griffith, xingando-o em espanhol”.⁴⁷ Ainda que relatos exatos dos insultos fossem geralmente vagos em periódicos na língua inglesa, a cobertura do *La Prensa*, o maior e mais longo jornal em espanhol da cidade de Nova York, ofereceu detalhes mais precisos do incidente. Uma reportagem revelou que “Paret tocou no peito de Griffith e disse que ele não era homem, era um homossexual”. A matéria explicou que Paret sempre havia duvidado da masculinidade de Griffith e que sua “forma de se vestir, sua forma de falar e até sua maneira de se expressar deixava uma má impressão no mundo do boxe e estabelecia a dúvida em todos os

⁴² Ibid.

⁴³ Kid Paret ‘slightly improved’. *Miami Herald*, 28 mar. 1962, sec. D, p. 1; PICOU, Tommy. Tommy’s Corner. *Chicago Defender*, 28 mar. 1962, p. 23; SMITH, Red. ‘Bleeding hearts’ hits. *Washington Post*, 3 abr. 1962, sec. A, p. 21; POVICH, Shirley. This morning.... *Washington Post*, 4 abr. 1962, sec. C, p. 1; Magnified by TV. *Time*, 6 abr. 1962 [29 mar. 2011]; FLEISCHER, Nat. A man gone berserk. *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 6-9.

⁴⁴ DOWN, Fred. Referee defends his judgment: ‘boxing is that kind of game’. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, sec. D, p. 1.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ FLEISCHER, Nat. A man gone berserk. *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 6-9 .

⁴⁷ LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47; ‘Berserk’ Griffith KOs Paret in 12 to regain crown. *Miami Herald*, 25 mar. 1962, sec. D, p. 3.

setores”.⁴⁸ Muitos comentaristas afirmaram que “os comentários depreciativos sobre a masculinidade de Griffith” o levaram a entrar no ringue “lutando com ódio”.⁴⁹ Depois de admitir que seu maria tinha chamado Griffith de “pequena dama”, a esposa de Paret insistiu que Griffith desejava matá-lo quando entrou no ringue naquela noite.⁵⁰ Momentos depois da luta, Griffith respondeu a perguntas de jornalistas sobre seu comportamento no ringue: “Eu não sabia que a luta tinha terminado. Foi por isso que continuei batendo nele. Eu não queria fazer nenhum mal a ele”.⁵¹ Griffith então revelou que os insultos de Paret durante a pesagem haviam mexido com suas emoções: “Você sabe, ele me xingou durante a pesagem. Eu disse ao Gil que se ele fizesse a mesma coisa dessa vez, eu iria bater nele. Ele fez isso novamente e eu estava furioso”.⁵² Menos de dois meses depois, no entanto, Griffith disse aos investigadores que ele não tinha entrado na luta contra Paret com raiva: “Você não pode estar com raiva de uma pessoa e para entrar no ringue e lutar com a cabeça fria”.⁵³

Apesar de poucos poderem negar que as táticas de intimidação de Paret antes da luta despertaram a ira de Griffith, alguns jornalistas esportivos desenvolveram uma narrativa alternativa: Paret estava em coma não por causa da série de jabs e uppercuts que afetaram o seu cérebro, mas devido a um incontrolado desejo por dinheiro, carros caros e uma vida fácil. Para alguns críticos, a cobiça do próprio Paret e de seus agenciadores tinham tanta responsabilidade, se não mais, por sua morte quase certa. Ao longo de sua carreira, reportagens ironizaram Paret pela quantidade de joias de ouro que usava fora dos ringues:

Quando Benny Kid paret se despe para entrar em ação no ginásio, ele primeiro tem que remover mais bugigangas do que uma strip-teaser. O campeão meio-médio é carregado de ouro. Ele não teria nenhuma chance em um navio naufragando. Ele iria para o fundo como uma âncora. Em seu pescoço, ele usa duas medalhas religiosas de ouro

⁴⁸ Se respetaban los puños, pero no las personalidades. *New York La Prensa*, 27 mar. 1962, p. 2.

⁴⁹ PICOU, Tommy. Tommy's Corner. *Chicago Defender*, 28 mar. 1962, p. 23.

⁵⁰ CINTRON, Jose J. Torres. Griffith intentó matar a mi esposo. *New York La Prensa*, 27 mar. 1962, p. 3.

⁵¹ No pal, but 'didn't mean him harm'. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, sec. D, p. 1.

⁵² Ibid.

⁵³ TEAGUE, Robert L.. Griffith testified he didn't realize Paret was helpless in fatal bout. *New York Times*, 23 mai. 1962, p. 57; Mrs. Paret bitter; writers rip boxing. *Miami Herald*, 27 mar. 1962, sec. D, p. 1; BECKER, Jim. 'Take me along' sobs Mrs. Paret. *Miami Herald*, 4 abr. 1962, sec. C, p. 1; MURRAY, Jim. Sonny and me. *Los Angeles Times*, 7 dez. 1962, sec. B, p. 1; MURRAY, Jim. Emile, but no Zola. *Los Angeles Times*, 13 dez. 1962, sec. B, p. 1; BONIEWOZIK, James. Shadowboxer. *Time*, 10 abr. 2005 [29 mar. 2011]; LIPSYTE, Robert. Are you crazy? *New York Times*, 5 dez. 1970, p. 48; ANDERSON, Dave. The burden of haunted boxers. *New York Times*, 2 dez. 1979, sec. S, p. 4; BRADY, Dave. Leonard: 'love' is the message. *Washington Post*, 19 jun. 1980, sec. F, p. 1; Ring of fire: the Emile Griffith story. dir. e prod. Dan Klores e Ron Berger, 2005, Starz/Anchor Bay, 87 mins.

maciço ligada a uma corrente de ouro bem pesada. Seus dois pulsos são cobertos por pulseiras de ouro. A fivela de seu cinto é de ouro. Ao todo, ele deve valer alguns milhares de dólares.⁵⁴

Paret revelou em uma entrevista que suas joias de ouro religiosas eram suas posses mais preciosas, afirmando que “elas me trazem sorte – foi o que me disseram”.⁵⁵ De fato, em outubro de 1960, os adornos de ouro de Paret parecem ter atraído a atenção de quatro homens que atacaram e roubaram ele e sua esposa quando entravam em um táxi no Bronx. Os assaltantes acertaram Paret com uma antena de carro, deram um corte em sua barriga e roubaram um relógio, pulseiras, um alfinete de gravata e um anel de diamante do casal.⁵⁶

Reportagens citaram o estilo de vida luxuoso de Paret, assim como suas responsabilidades familiares, com explicação para sua recusa em se aposentar do boxe. Ele havia comprado uma casa nova na rua NW 47th Street, em Miami, por \$16.000 em dinheiro, e dois carros, um Thunderbird de 1962 e um Cadillac El Dorado de 1962; ele também tinha uma família em Cuba, para a qual enviava dinheiro, uma esposa grávida e um filho de dois anos.⁵⁷ Um amigo da família argumentou que seus dois carros “eram a sua única verdadeira extravagância” e que “Benny queria que sua família tivesse uma casa, enquanto ele ainda conseguia trabalhar”.⁵⁸ Um artigo descreveu Paret como “muito generoso”, observando que ele fez doações volumosas frequentes a sua igreja e a indivíduos que ele via que precisavam.⁵⁹ Para aqueles “no mundo de fala espanhola em nosso país, Paret foi um grande herói”, através do qual muitos apreciaram um “sonho de sucesso vicário”.⁶⁰

Ainda assim, muitos dos críticos que atribuíram sua morte trágica à cobiça em geral descartavam a noção de que como um migrante afro-cubano, de origem humilde e trabalhadora, Paret tinha poucas opções de ganhar a vida nos Estados Unidos, além do boxe. Lucy Paret defendeu a escolha de seu marido em buscar uma carreira no boxe: “Se meu marido não tivesse se machucado, ele teria continuado a lutar. Ele não sabe fazer

⁵⁴ Paret’s a walking jewelry store. Pasta 1, caixa 38, caixa 880, Coleção Weston.

⁵⁵ EISENSTADT, Fred. Profile: Benny Kid Paret. *Ring Magazine*, mai. 1960, p. 49.

⁵⁶ Welter King Paret, wife attacked. *Los Angeles Times*, 18 out. 1960, sec. C, p. 2. Nessa mesma entrevista, quando perguntado se ainda tinha todos os dentes, ele respondeu: “Sim, e eles são valiosos. Alguns deles contém ouro”. Paret’s a walking jewelry store. Pasta 1, caixa 38, caixa 880, Coleção Weston.

⁵⁷ LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47; MURRAY, Jim. Boxing’s requiem. *Los Angeles Times*, 27 mar. 1962, sec. B, p. 1.

⁵⁸ WHITED, Charles. Paret’s Miami home now stands silente. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, sec. A, p. 2.

⁵⁹ LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47.

⁶⁰ LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47; \$35,000 para Celenia. *New York La Prensa*, 5 abr. 1962, p. 2.

mais nada. E isso se aplica a muitos outros lutadores. Eles não sabem fazer outra coisa e têm filhos para criar”.⁶¹ Muitos críticos, no entanto, demonstravam pouca simpatia pela situação de Paret, com um autor argumentando que poderia “pensar em muitas outras formas mais significativas de buscar a excelência na América”.⁶² As críticas mais duras vieram da colunista Dorothy Kilgallen, que argumentava que

ninguém colocou uma arma contra a cabeça de Benny Paret e o obrigou a entrar no ringue com Emile Griffith. O governo não o alistou e não o ameaçou de prisão caso não arriscasse sua vida, como o governo faz com tantos jovens rapazes que são chamados a servir seu país, quando prefeririam se engajar em carreiras mais tranquilas como caixas de banco ou fazendeiros.⁶³

Kilgallen parecia condenar Paret por ser ganancioso e também não americano: “Benny Paret recebeu \$50.000 esta noite no Madison Square Garden. Isso é muito mais do que os Estados Unidos pagam a um soldado para ir ao Vietnã e levar um tiro de um sniper na cabeça”.⁶⁴ Respondendo diretamente às declarações de Lucy na imprensa, Kilgallen replicou: “Bobagem (...). Benny poderia ter sido um ascensorista, ou um ajudante de garçom, ou um mecânico de carros, ou uma variedade de outras coisas, mas aí não teria um bando de bajuladores o tratando como um bebê maravilhoso (...). Ninguém celebra um ajudante de garçom”.⁶⁵ É possível se indagar se por “uma variedade de outras coisas”, Kilgallen na verdade quis dizer “uma variedade de outras coisas compatíveis com a raça, etnicidade e classe de Paret”.

Se participantes do mundo do boxe fossem culpados pela morte de Paret, o próprio esporte não poderia escapar de sua dose de culpa. Alguns jornalistas esportivos associaram o esporte a narrativas ilusórias de mobilidade social:

Se o caso de Benny (Kid) Paret fosse um evento isolado, o boxe deveria receber uma nova chance. Mas é uma história quase clássica: um jovem rapaz, de corpo forte, com força muscular, está cortando cana vigorosamente em um canavial em Cuba. O olhar itinerante do olheiro experiente o analisa cuidadosamente. Ele é perfeito para o tráfico selvagem. A abordagem é feita. Algumas lutas locais e ele é levado para Nova York – “o topo, garoto. Mulheres, dança,

⁶¹ Mrs. Paret bitter; writers rip boxing. *Miami Herald*, 27 mar. 1962, sec. D, p. 1.

⁶² PICOU, Tommy. Tommy’s Corner. *Chicago Defender*, 28 mar. 1962, p. 23.

⁶³ KILGALLEN, Dorothy. Broadway stunned by Paret beating. *Washington Post*, 29 mar. 1962, sec. B, p. 16.

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ KILGALLEN, Dorothy. Broadway stunned by Paret beating. *Washington Post*, 29 mar. 1962, sec. B, p. 16.

carros velozes, hotéis caros, lençóis de seda, discos de cha-cha-chá. A vida boa.”⁶⁶

O boxe não podia ser desassociado da corrupção e da ganância, fatores que muitas vezes deixavam o boxeador vulnerável àqueles ao seu redor: “Há poucas coisas que podem ser feitas para proteger o lutador no ringue. Mas o lutador também deve ser protegido fora do ringue. Por todo o seu valente esforço, a recompensa do lutador (...) depois que todos foram pagos (...) é pequena”.⁶⁷ Outro artigo sugeriu que a busca por lucro monopolizava os interesses do boxe:

A tragédia de Benny Paret é que aqui havia um homem ganhando quase um quarto de milhão de dólares em um país que tem educação gratuita, morrendo sem a habilidade de ler ou escrever. Isso é o quanto seu empresário se importava. Isso é o quanto os promotores da luta se preocupam. Isso é o quanto as comissões estaduais de boxe estão interessadas.⁶⁸

Na esperança de defender o esporte das críticas e das ameaças de proibição, Nat Fleischer argumentou que os boxeadores profissionais sabem que estão arriscando suas vidas no instante em que pisam no ringue: “Eles aceitam isso, assim como fez Paret, porque o boxe os oferece uma oportunidade, caso sejam proficientes, de ganhar ouro e glória. Os riscos são altos e eles tentam sua sorte. Pessoas em trabalhos de risco fazem isso pelo dinheiro que podem ganhar”.⁶⁹ Vê-se aqui uma racionalização econômica para a morte de Paret. Outro escritor chegou a uma conclusão semelhante, ainda que tenha ido um passo adiante ao ligar a possibilidade de escolha individual à americanidade: “O boxe profissional não é um esporte delicado (...). Mas ele não é ilegal, tem uma certa arte, e não é detestado por todos os americanos exercendo sua liberdade de escolha. Alguns de nós gostam dele”.⁷⁰ Muhammad Ali defendeu o esporte em uma academia de boxe em Miami Beach: “A ideia é lutar. Então uma pessoa morreu. Isso é triste. Acontece uma vez a cada dez anos no boxe. E quanto aqueles três aviões que caíram semana passada? Eles mataram uma centena de pessoas em cada ocasião. Eu choro como o diabo entrando no avião. Não tenho medo do ringue”.⁷¹

⁶⁶ MURRAY, Jim. Boxing’s requiem. *Los Angeles Times*, 27 mar. 1962, sec. B, p. 1.

⁶⁷ MURRAY, Jim. No rose for Benny. *Los Angeles Times*, 5 abr. 1962, sec. B, p. 1; BURNS, Jimmy. Prize fighting is only sport stressing ‘killer instinct’. *Miami Herald*, 27 mar. 1962, sec. D, p. 1; PICOU, Tommy. Tommy’s Corner. *Chicago Defender*, 28 mar. 1962, p. 23.

⁶⁸ DALE, Arthur. Is it worth the price? *New York Times*, 1 abr. 1962, p. 186; Gov’t eyes probe of Paret’s death. *Pittsburgh Courier*, 2 jun. 1962, p. 20.

⁶⁹ FLEISCHER, Nat. Nat Fleischer speaks out! *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 5.

⁷⁰ POVICH, Shirley. This morning.... *Washington Post*, 4 abr. 1962, sec. C, p. 1.

⁷¹ HALL, John. 5,000 fans watch Lavo’s ring drill. *Los Angeles Times*, 26 mar. 1962, sec. B, p. 5; MILLER, Gene. ‘Just bad luck’: ‘happens every day’. *Miami Herald*, 4 abr. 1962, sec. C, p. 1.

A trágica surra de Paret não criou somente um “mercado pronto para ataques no boxe”, mas também críticas sérias sobre a televisão e aos fãs de boxe.⁷² Uma reportagem descreveu a teletransmissão como tendo “alguns dos ornamentos de uma execução pública, exibida nacionalmente”.⁷³ Muitos jornalistas esportivos defenderam que a cobertura da luta pela televisão exacerbou a selvageria do evento: “Foi o olho inexorável da câmera, especialmente o replay em câmera lenta, que levou às salas de estar a aparente impiedade da sequência final de Griffith, com Paret encurralado contra as cordas. Repentinamente, aquilo se tornou um filme de horror”.⁷⁴ Relatos estimaram que Griffith desferiu entre 20 e 26 socos em apenas nove segundos. O replay constante do nocaute em câmera lenta perturbou muitos telespectadores, e jornalistas esportivos atacaram os produtores e comentaristas da televisão que afirmaram aos telespectadores que Paret “ficaria bem” e até deixaram Griffith explicar “como ele havia batido em Paret até que perdesse os sentidos”.⁷⁵ Os produtores pareciam mais interessados em preencher o tempo que tinham de sobra em seus noticiários: “Se você tem tempo de sobra em seu noticiário, utilize-o. Quantas vezes você pode mostrar um lutador que é praticamente agredido até a morte?”⁷⁶ Até mesmo Nat Fleischer admitiu que “o close-up de Paret sendo espancado até o coma foi ruim o suficiente sem as reprises da selvageria em câmera lenta. Isso foi completamente desnecessário”.⁷⁷ Esses jornalistas pareciam deparar os eventos ao vivo de sua forma mediada, televisionada: o evento ao vivo, a surra mortal de um homem sobre outro, não era inerentemente errada ou problemática; a transmissão pública – a mídia televisiva que transmitia essas imagens para dentro das casas – tornara o evento real em demasia.⁷⁸

Jornalistas esportivos argumentaram que fãs do boxe – aqueles sentados na arena e aqueles que assistiam de suas casas – desempenharam um papel no enquadramento da brutalidade dos esportes. Alguns comentaristas entenderam que o público esperava ser entretido e que boxeadores, agentes do boxe e a indústria da televisão, procurando assegurar lucros maiores, apenas respondiam às demandas do mercado. Ainda que os fãs parecessem genuinamente “horrorizados” pelo que tinham visto no ringue, “quanto mais sangue e caos legalizado,

⁷² DANIEL, Dan. The Ring investigates the investigations. *Ring Magazine*, out. 1962, p. 24-25, 43.

⁷³ POVICH, Shirley. This morning.... *Washington Post*, 4 abr. 1962, sec. C, p. 1.

⁷⁴ DALE, Arthur. Is it worth the price? *New York Times*, 1 abr. 1962, p. 186.

⁷⁵ Magnified by TV. *Time*, 6 abr. 1962 [29 mar. 2011]; PAGE, Don. Replay of Paret KO low blow to boxing. *Los Angeles Times*, 31 mar. 1962, sec. B, p. 3.

⁷⁶ CONNON, Jimmy. Not even approach of death impedes grisly showmanship. *Miami Herald*, 29 mar. 1962, sec. C, p. 2.

⁷⁷ FLEISCHER, Nat. Nat Fleischer speaks out! *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 5.

⁷⁸ FLEISCHER, Nat. A man gone berserk. *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 6-9; PAGE, Don. No punches pulled by TV in Griffith bout. *Los Angeles Times*, 15 dez. 1962, sec. B, p. 3.

maior a sua satisfação”.⁷⁹ Um jornalista explicou que a indústria da televisão percebeu o que “empresários e promotores de boxe descobriram décadas atrás, que o apetite público por entretenimento, apesar dos refinamentos da civilizaçãodo século XX, permanece tão primitivo em suas preferências por divertimentos de ‘sangue e trovão’ quanto há eras atrás”.⁸⁰ Esse jornalista chegou a sugerir que o público determinou o estilo, a chamada brutalidade do esporte, reclamando com frequência “quando uma luta de boxe tem mais estratégia do que ferocidade”.⁸¹

A luta entre Paret e Griffith prejudicou a reputação do boxe profissional em termos econômicos e morais. Redes de televisão e anunciantes tinham pouco incentivo em continuar a promover o esporte, e a ABC e a Companhia Gillete Safety Razor decidiram suspender seus contratos com o boxe profissional em 1964: “associar um produto com um esporte criticado por brutalidade tem sido amplamente debatido na Madison Avenue”.⁸² Antes disso, já em 28 março de 1962, uma afiliada da ABC em Mississippi anunciou que não iria mais televisionar confrontos profissionais de boxe: “Não vamos levar morte para as salas de estar. Minha estação não pode correr o risco de que isso ocorra novamente”.⁸³ Jornalistas defendiam que “o boxe nacional não pode oferecer execuções públicas como ‘entretenimento’. O boxe está no banco dos réus hoje, e a acusação é de ‘assassinato’”.⁸⁴ Outro escritor explicou que o boxe “é um negócio masculino e nunca foi destinado a ser visto nas poltronas do seu lar”.⁸⁵ A transmissão televisiva havia cruzado fronteiras de gênero entre o público e o privado, e alguns jornalistas esportivos viam o lar como algo muito frágil (i.e., feminino) para o boxe profissional.⁸⁶

“E também tem aquele Castro horrível”: família, política e cubanidade

Ainda que muito da cobertura da imprensa estivesse concentrada na racionalização da tragédia da luta Paret-Griffith, jornalistas esportivos dedicavam atenção considerável ao status de Paret enquanto cubano. O que poderia ter sido contido em um drama privado de um boxeador foi exposto no contexto público das relações cada vez mais complexas e hostis entre os governos dos Estados Unidos e Cuba. Os sinais desse drama político começaram a aparecer durante a luta de Paret contra o mexicano Gaspar Ortega, em fevereiro de 1961, que não valhia pelo título.

⁷⁹ BURNS, Jimmy. Prize fighting is only sport stressing ‘killer instinct’. *Miami Herald*, 27 mar. 1962, sec. D, p. 1.

⁸⁰ CARROLL, Ted. Do fans make brutality? *Ring Magazine*, jun. 1962, p. 20-21.

⁸¹ *Ibid.*, p. 45.

⁸² GOULD, Jack. Television network will drop boxing from weekly programing [sic] in 1964. *New York Times*, 23 dez. 1962, p. 39.

⁸³ Kid Paret ‘slightly improved’. *Miami Herald*, 28 mar. 1962, sec. D, p. 1; TV station bans national fights. *Los Angeles Times*, 28 mar. 1962, sec. B, p. 1.

⁸⁴ MURRAY, Jim. Boxing’s requiem. *Los Angeles Times*, 27 mar. 1962, sec. B, p. 1.

⁸⁵ ZIFF, Sid. More on boxing. *Los Angeles Times*, 29 mar. 1962, sec. B, p. 3.

⁸⁶ MURRAY, Jim. Emile, but no Zola. *Los Angeles Times*, 13 dez. 1962, sec. B, p. 1.

Os três mil torcedores que compareceram à luta no Olympic Auditorium, em Los Angeles, estavam claramente a favor de Ortega. A multidão torcia e cantava “Indio! Indio!” a cada investida de Ortega, e vaiava e jogava cerveja em Paret. A luta terminou empatada, e Paret reclamou que a multidão havia deixado-o “confuso”.⁸⁷ Jim Murray, um colunista esportivo do Los Angeles Times, levou sua esposa e duas outras “jovens damas” com ele para a cobertura da luta Paret-Ortega:

Elas vieram preparadas para torcer por Gaspar Ortega. Não que tenham nada contra o campeão meio-médio, Benny Paret. É que mulheres pensam primeiramente no lar – e a cidade natal de Gaspar, Tijuana, é mais próxima do que a de Paret, em Cuba. E também tem aquele Castro horrível.⁸⁸

Esse comentário apresenta pressupostos óbvios sobre a interação entre gênero e relações internacionais. Murray não apenas confina mulheres a normas prescritas de gênero, de forma estereotipada, como protetoras da esfera doméstica; ele também sugere que as pessoas na plateia (um público presumidamente misto de anglo-americanos e mexicanos-americanos) havia feito a associação: Paret personificava a ameaça estrangeira (i.e., a Cuba de Fidel). Por conta apenas desse momento histórico, a multidão optou por não torcer por um cubano, quando tinham uma alternativa adequada e racional.

Ao longo de sua carreira no boxe profissional, importantes jornalistas e colunistas esportivos constantemente se referiam a Paret em termos nacionalistas, descrevendo-o somente como “o cubano”, enquanto outros optaram por uma abordagem mais criativa, usando frases como “a bola de fogo cubana”, “o pequeno cubano com todos os apelidos”, “o garoto da pérola das Antilhas”, e “a serra elétrica cubana”. Alguns jornalistas faziam piada com a fonética e o sotaque espanhol e se referiam a Paret como o “keed” cubano.⁸⁹ Muitos colunistas descreveram Paret como um cubano divertido, tocador de bongô, que gostava de ouvir e dançar o cha-cha-cha. As fotografias que acompanhavam essas histórias mostravam o boxeador sorrindo de orelha a orelha e segurando um bongô no ringue. Ressaltando que Paret tinha comprado uma casa em Miami, um jornalista sugeriu uma lealdade dupla, descrevendo-o como um

⁸⁷ MURRAY, Jim. Get'im Gaspar! *Los Angeles Times*, 27 fev. 1961, sec. C, p. 1; Ortega not satisfied. *New York Times*, 27 fev. 1961, p. 31; Ortega-Paret. *Boxing Illustrated*, mai. 1961, p. 12; Ortega loss hurts Paret's title defense. *Chicago Defender*, 27 fev. 1961, p. 22.

⁸⁸ MURRAY, Jim. Get'im Gaspar! *Los Angeles Times*, 27 fev. 1961, sec. C, p. 1.

⁸⁹ Paret-Thompson. *Boxing Illustrated*, jun. 1960, p. 18; HART, Louis. New champion Benny 'Kid' Paret. *Boxing Illustrated*, ago. 1960, p. 38-39; FLEISCHER, Nat. Youth triumphs. *Ring Magazine*, fev. 1961, p. 30-31; Griffith solid choice to regain Welter title. *Los Angeles Times*, 24 mar. 1962, sec. A, p. 3; Paret gains slightly; stricter laws studied. *Miami Herald*, 29 mar. 1962, sec. C, p. 3.

“boxeador de Miami”, tanto de Cuba quanto de Miami.⁹⁰ O jornal *Pittsburgh Courier*, entretanto, identificou Paret como um lutador negro, argumentando que ele se tornara a vítima mais recente da mesma “maldição misteriosa que parece assombrar atletas negros em seu auge”.⁹¹ De acordo com uma breve reportagem publicada no *New York Times*, o jornal do Vaticano, *Osservatore Romana*, condenou o boxe e descreveu Paret como um “pobre lutador negro”.⁹²

Os jornalistas esportivos nunca descreveram Paret como um exilado ou um refugiado cubano, e também não parece que ele tenha reivindicado tal identidade.⁹³ Essa disassociação parece peculiar, uma vez que o curto período que marcou sua carreira profissional no boxe nos Estados Unidos testemunhou um crescimento dramático na presença de cubanos no país. Entre janeiro de 1959 e outubro de 1962, estima-se que 250.000 cubanos abandonaram a ilha e foram para os Estados Unidos. A maioria dessa primeira onda de imigrantes representava as classes alta e média da sociedade cubana, incluindo agentes governamentais e militares leais a Batista, e pessoas de classes profissionais (médicos, advogados, engenheiros e professores, por exemplo). Essa maioria de emigrantes “brancos” acreditava que seu exílio ajudaria a retirar Castro do poder. Ainda que jornais em Miami expressassem frustração e ressentimento perante a entrada regular de exilados cubanos (para não mencionar reclamações sobre competição no mercado de trabalho e o amparo governamental voltado para o cuidado com eles), a retórica nacionalista prometia apoio contínuo. Exilados cubanos e americanos tinham um objetivo em comum importante: acabar com o comunismo no hemisfério ocidental (GARCIA, 1996; PORTES e STEPICK, 1993; TORRES, 1999).

As tensões entre fidelidades nacionais e lealdades familiares se intensificaram quando a mãe de Paret, Maxima Crespo, de 58 anos, chegou aos Estados Unidos para visitar o boxeador inconsciente em seu leito. Logo depois de saber sobre a condição de seu filho pelas transmissões de rádio em seu lar em Las Villas, Maxima correu para Havana, onde os “amigos de Benny” a ajudaram a conseguir permissão para viajar para Nova York.⁹⁴ O Departamento de Estado dos EUA havia

⁹⁰ LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47; WHITED, Charles. Paret's Miami home now stands silent. *Miami Herald*, 26 mar. 1962, sec. A, p. 2; EISENSTADT, Fred. Profile: Benny Kid Paret. *Ring Magazine*, mai. 1960, p. 18-19; LOUBET, Nat. Welters evoke new interest. *Ring Magazine*, jun. 1960, p. 18-19, 44; Fidel stops boxing, Cubans move out. *Ring Magazine*, nov. 1961, p. 5, 58; Miami boxer unconscious after fight. *Miami Herald*, 25 mar. 1962, p. 1.

⁹¹ Misfortunes plague negro athletes. *Pittsburgh Courier*, 11 ago. 1962, p. 20.

⁹² Vatican condemns boxing. *New York Times*, 8 abr. 1962, sec. S, p. 1.

⁹³ Minha pesquisa descobriu apenas uma referência sobre o status de imigrante de Paret nos Estados Unidos. Essa reportagem indicava que “Paret foi um residente ilegal que queria se tornar um cidadão dos Estados Unidos”. LIPSYTE, Robert. The story of Benny (Kid) Paret: from \$4 a day to a World Title. *New York Times*, 3 abr. 1962, p. 47.

⁹⁴ TORRES, Jose J. ‘Mataron a mi hijo,’ dice madre de Paret. *New York La Prensa*, 1 abr. 1962, p. 2.

cortado laços com o governo cubano em abril de 1961, após a fracassada invasão à Baía dos Porcos. Relatos a descrevem como “solitária, sem dinheiro, e incapaz de falar inglês”, e, uma vez em Miami, ela participou na familiar rotina realizada pelos milhares de emigrados cubanos antes dela: foi ao Serviço Católico de Assistência Nacional no centro de Miami, “onde recebeu \$10 e uma passagem para Nova York”, assim como uma nota em que estava escrito “leve-me ao Hospital Roosevelt onde meu filho se encontra. Ele é o Kid Paret”.⁹⁵ Maxima relatou que o governo cubano havia lhe dado permissão para permanecer nos Estados Unidos por apenas alguns dias, mas ela iria requisitar mais tempo caso seu filho demorasse mais para se recuperar. Diferentemente dos milhares de cubanos correndo para abandonar a ilha no início dos anos 1960, Maxima revelou pouco interesse em desertar para os Estados Unidos, dizendo através de um intérprete: “Irei ficar em Nova York até que meu filho esteja melhor”.⁹⁶ O irmão de Paret, Antonio, também viajou de Cuba para os Estados Unidos e contou à imprensa sobre o pacto que fizera com Deus em troca da recuperação de Benny: “Eu disse a Deus que iria andar sem sapatos por seis meses, começando na quinta-feira”. No entanto, o clima em Nova York não coperou com seus planos e ele decidiu que esperaria até seu retorno a Cuba para completar sua promessa.⁹⁷

O compromisso não deve ter se adequado aos planos de Deus, pois Paret morreu apenas quatro dias depois da chegada de sua mãe nos EUA. Alfaro disse à imprensa que ele havia cuidado de Paret como se “ele fosse meu filho. Eu o trouxe de Cuba quatro anos atrás e cuidei dele como um pequeno bebê. Então eu sinto que perdi um filho”.⁹⁸ Ainda que sua dor possa ter sido genuína, os comentários de Alfaro também soavam como paternalismo. Paret era um homem adulto com seu próprio filho e mais um a caminho. Ele lutava no ringue, e não Alfaro. Ele levava os socos, e não Alfaro. Ainda assim, Alfaro dizia que “cuidou dele como um bebê pequeno”. Se pais devem manter seus filhos seguros, Alfaro provou ser péssimo nesse papel. Na verdade, as investigações sobre a morte e as finanças de Paret sugeriram que Alfaro possa ter roubado do boxeador e falsificado documentos de impostos.⁹⁹

⁹⁵ TORRES, Jose J. ‘Mataron a mi hijo,’ dice madre de Paret. *New York La Prensa*, 1 abr. 1962, p. 2; Controversy rages over boxing in N.Y. *Pittsburgh Courier*, 7 abr. 1962, sec. A, p. 30. Reportagens confirmaram que o governo cubano pagou a tarifa aérea para Miami e que instituições de caridade católicas pagaram sua viagem para a cidade de Nova York.

⁹⁶ Clearance sought to fly Paret’s mother to U.S. *New York Times*, 28 mar. 1962, p. 42; Paret’s mother arrives to join vigil at ex-champion’s bedside. *New York Times*, 31 mar. 1962, p. 19.

⁹⁷ TORRES, Jose J. ‘Mataron a mi hijo,’ dice madre de Paret. *New York La Prensa*, 1 abr. 1962, p. 2; Doctors still fear for Paret. *Miami Herald*, 30 mar. 1962, sec. C, p. 1.

⁹⁸ MULLER, Robert. Paret’s death strikes knockout blow to Family. *Chicago Defender*, 4 abr. 1962, p. 22.

⁹⁹ TEAGUE, Robert L.. Griffith testified he didn’t realize Paret was helpless in fatal bout. *New York Times*, 23 mai. 1962, p. 57. A mãe de Paret disse que Alfaro lhe deu algumas das joias de Benny, incluindo um relógio, um colar, um bracelete com seu nome incrustado em ouro e diamantes e um anel. *New York La Prensa*, 4 abr. 1962, p. 3.

A morte de Paret não deu um fim ao drama, mas iniciou “um cabo de guerra familiar com implicações políticas”.¹⁰⁰ Viuva e mãe não concordavam com o local de enterro de Paret, e os debates se tornaram “discussões emocionais, cheias de lágrimas”.¹⁰¹ Lucy insistia que Paret deveria ser enterrado em Miami, afirmando que “ele sempre me disse que queria ser enterrado em Miami, se morresse. (...) Ele nunca me pediu para manda-lo para Cuba. Por isso vou enterrá-lo em Miami”.¹⁰² A mãe de Paret, entretanto, queria levar seu corpo de volta para Cuba, onde, ele insistia, Castro daria a seu filho “um grande funeral com honras do Estado” em Havana.¹⁰³ Lucy defendia que Paret “nunca voltará para Cuba enquanto Cuba for governada por aquele homem. Meu marido será enterrado em Miami, onde poderei visitar seu túmulo”.¹⁰⁴ Ele supostamente também teria dito a um atendente do hospital que Paret “trabalhava na clandestinidade” e que “não queria seu corpo utilizado como propaganda”.¹⁰⁵ Maxima demonstrou-se surpresa quando foi avisada que o corpo de Paret continuaria nos Estados Unidos, declarando que “eles roubaram o meu filho de mim. Eles não querem que eu o leve para Cuba, onde ele pode ser enterrado ao lado de seu pai e para que seus irmãos e irmãs possam vê-lo uma última vez”. Ela disse: “Meu filho é bom. Tenho certeza de que ele sempre quis ser enterrado em Cuba”.¹⁰⁶

A comunidade de boxeadores cubanos nos Estados Unidos também se pronunciou sobre a controvérsia sobre o local do enterro de Paret, especificamente, e sua identidade cubana e lealdades políticas, de forma geral. Ramon Castillo, antigo boxeador cubano e amigo íntimo de Benny, explicou para um repórter: “É mentira que Benny tenha pedido para não ser enterrado em Cuba quando morresse. Ele era, acima de tudo, um bom cubano. Ele nunca foi a favor ou contra ninguém, pois era apolítico. Todos os cubanos estão pedindo que ele seja enterrado em sua pátria”.¹⁰⁷ Continuando a apoiar seu desejo de que o corpo de Benny fosse retornado a Cuba, Castillo continuou: “É uma questão humana. A política não deveria importar em um momento como esse. É uma pena que Cuba não recupere um de seus filhos que lhe trouxeram mais glórias”.¹⁰⁸ Outros boxeadores cubanos são citados, dizendo que concordavam que Paret teria desejado que seu corpo retornasse a Cuba, como Miguel Alvarez, Juan Puig, Damaso Collazo e Orlando Andu.¹⁰⁹ O fato de que a discussão

¹⁰⁰ 35-G's Paret's share from fatal fight. *Chicago Defender*, 5 abr. 1962, p. 22.

¹⁰¹ Paret burial may have political overtone. Pasta 3, caixa 39, caixa 880, Coleção Weston; Paret will be buried here. *Miami Herald*, 4 abr. 1962, sec. A, p. 1.

¹⁰² CINTRON, Jose J. Torres. Autopsia: Griffith mato a Paret. *New York La Prensa*, 4 abr. 1962, p. 31.

¹⁰³ Paret burial may have political overtone. Pasta 3, caixa 39, caixa 880, Coleção Weston; Paret will be buried here. *Miami Herald*, 4 abr. 1962, sec. A, p. 1.

¹⁰⁴ Ibid.

¹⁰⁵ Ibid.

¹⁰⁶ ‘Me han quitado mi hijo’ dice llorando la madre de Benny. *New York La Prensa*, 4 abr. 1962, p. 3.

¹⁰⁷ ‘Jamás pidio que no lo enterraran en Cuba’. *New York La Prensa*, 4 abr. 1962, p. 3.

¹⁰⁸ ‘Jamás pidio que no lo enterraran en Cuba’. *New York La Prensa*, 4 abr. 1962, p. 3.

¹⁰⁹ Ibid.

privada sobre o local do enterro de Paret tenha se tornado uma questão de discurso público, com tons políticos, demonstra o grau em que as tensões entre os governos dos EUA e de Cuba moldavam a cobertura da mídia e reivindicações de identidade nacional. Para Lucy, Paret ser um “bom cubano” significava rejeitar o governo de Fidel Castro e enterrá-lo nos Estados Unidos. Para Maxima e alguns na comunidade de boxeadores cubanos, a cubanidade de Paret requeria um enterro em sua terra natal, independentemente de afirmações (a)políticas.

Se, como Lucy insistia, Paret realmente queria que seu corpo fosse enterrado nos Estados Unidos, então sua morte deu a ele sua vitória final. Em 4 de abril, “muitos milhares” de fãs chegaram na Casa Funerária Ortiz, no Bronx, para prestar suas últimas homenagens ao boxeador cubano.¹¹⁰ De acordo com uma reportagem, “mais de 20 policiais foram destacados para a funerária para prevenir qualquer desordem”. Não é surpresa que Griffith não compareceu à funerária, “devido ao medo de que sua presença pudesse criar mal-estar no bairro com predominância de fala espanhola”.¹¹¹ Depois dessa exibição, o corpo de Paret foi enviado a Miami para ser velado na Casa de Albert Chapel, na NW Fifteenth Avenue, 6942, das sete da manhã até a meia-noite. No dia 6 de abril, uma estimativa entre quinze e vinte mil pessoas, uma “fila ininterrupta de amigos, fãs de luta ou apenas curiosos” compareceram ao velório público.¹¹² Lucy afirmou que “o que quer que ele fosse, ele o era por causa das pessoas. Eu queria isso assim. Sei que ele iria querer isso dessa forma”.¹¹³ Lester C. Albert, diretor da casa funerária, não pareceu surpreso pela frequência massiva: “É o maior funeral de que posso me lembrar. Você precisaria conhecer Paret, e conhecer os costumes e tradições de nosso povo, para conseguir entender porque há tantas pessoas. (...) Se as pessoas não o conheciam pessoalmente, elas sabiam dele. O conheciam da televisão ou dos jornais”.¹¹⁴ Cerca de trezentos “americanos e cubanos” se reuniram para a missa de funeral na Igreja Católica Romana Corpus Christi no dia 7 de abril, e o *New York Times* reportou que Paret “foi enterrado [no Cemitério Our Lady of Mercy, em Miami] hoje, na presença de refugiados de sua Cuba natal”.¹¹⁵

¹¹⁰ Fans pay respects to Paret; probes of boxing pushed. *Miami Herald*, 5 abr. 1962, sec. D, p. 1.

¹¹¹ Ibid.

¹¹² WHITED, Charles. A wife returns . . . her husband too. *Miami Herald*, 6 abr. 1962, sec. C, p. 1; EVANS, Luther C.. Benny Paret was the 13th passenger. *Miami Herald*, 6 abr. 1962, sec. C, p. 1; PUTMAN, Pat. Whatever Paret was . . . ‘was because of people’. *Miami Herald*, 7 abr. 1962, sec. D, p. 3.

¹¹³ PUTMAN, Pat. Whatever Paret was . . . ‘was because of people’. *Miami Herald*, 7 abr. 1962, sec. D, p. 3.

¹¹⁴ PUTMAN, Pat. Whatever Paret was . . . ‘was because of people’. *Miami Herald*, 7 abr. 1962, sec. D, p. 3.

¹¹⁵ Paret buried in Miami. *New York Times*, 8 abr. 1962, sec. S, p. 2. O documentário, *Ring of Fire*, indica que Paret foi enterrado no cemitério St. Raymond, no Bronx, e que Lucy não visita o túmulo há 42 anos. Minha pesquisa não descobriu nenhuma explicação para a transferência do corpo.

Quando Paret entrou no ringue para sua luta fatal contra Griffith, o público “vaiou de imediato, quando sua origem foi anunciada como Santa Clara, Cuba”.¹¹⁶ No entanto, como um jornalista esportivo apontou, “Benny não saberia distinguir Castro de um dos irmãos Smith. Mas o preconceito não conhece regras de racionalização”.¹¹⁷ Talvez seja por isso que o simples ato de Lucy alfinetar uma pequena bandeira cubana na lapela do terno fúnebre de Paret parece ainda mais significativo. Talvez seja essa a razão do ato de milhares de recém-chegados exilados cubanos, de dedicar algum tempo para homenagear sua vida, possa parecer tão tocante. Outros boxeadores cubanos entraram no ringue antes dele e muitos vieram depois, mas a história de Benny “Kid” Paret proporciona um olhar sobre o grau ao qual as tensas relações dos EUA e Cuba e um declinante interesse em boxe moldaram a cobertura midiática de sua morte no ringue, assim como questões de identidade americano-cubana.

Referências

BURGOS JR., Adrian. Playing ball in a black and white ‘Field of Dreams’: Afro-Caribbean ballplayers in the Negro Leagues, 1910-1950. *The Journal of Negro History*, 82, 1997, p. 67-104.

_____. *Playing America’s game: baseball, Latinos, and the color line*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DELGADO, Fernando. Golden but not brown: Oscar de la Hoya and the complications of culture, manhood, and boxing. *International Journal of the History of Sport*, 22, 2005, p. 196-211.

GARCIA, Maria Cristina. *Havana USA: Cuban exiles and Cuban Americans in south Florida, 1959- 1994*. Berkeley: University of California Press, 1996.

GORN, Elliott J. *The manly art: bare-knuckle prize fighting in America*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

_____. *Muhammad Ali: the people’s champ*. Urbana: University of Illinois Press, 1998.

HASLIP-VIERA, Gabriel. The evolution of the Latino community in New York City: early nineteenth century to the presente. In: HASLIP-VIERA, Gabriel; BAVER, Sherrie L. (Orgs.). *Latinos in New York: communities in transition*. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 1996.

¹¹⁶ Durslag defends title fight referee. Pasta 3, caixa 39, caixa 880, Coleção Weston.

¹¹⁷ Ibid.

LAO-MONTES, Agustin. The latinization of New York City. In: LAO-MONTES, Agustin; DAVILA, Arlene (Orgs.). *Mambo montage: the latinization of New York City*. New York: Columbia University Press, 2001.

PÉREZ JR., Louis A. *Cuba: between reform and revolution*. New York: Oxford University Press, 1988.

_____. Between baseball and bullfighting: the quest for nationality in Cuba, 1868- 1898. *Journal of American History*, 81, 1994.

_____. *Cuba and the United States: ties of singular intimacy*. Athens: University of Georgia Press, 1997.

_____. *The War of 1898: the United States and Cuba in history and historiography*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998.

_____. *On becoming Cuban: identity, nationality, and culture*. New York: Harper Collins, 1999.

PETTAVINO, Paula J.; PYE, GERALYN. *Sport in Cuba: The diamond in the rough*. Pittsburgh, Pa.: University of Pittsburgh Press, 1994.

_____. Sport in Cuba: Castro's Last Stand. In: ARBENA, Joseph; LAFRANCE, David G. (Orgs.). *Sport in Latin America and the Caribbean*. Wilmington, Del.: Scholarly Sources, 2002.

PORTES, Alejandro; STEPICK, Alex. *City on the edge: the transformation of Miami*. Berkeley: University of California Press, 1993.

ROBERTS, Randy. *Papa Jack: Jack Johnson and the Era of White Hopes*. New York: The Free Press, 1983.

_____. *Joe Louis: hard times man*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2010.

ROBERTS, Randy; GARRISON, J. Gregory (Orgs.). *Heavy justice: the trial of Mike Tyson*. Fayetteville: University of Arkansas, 2000.

RODRIGUEZ, Gregory. Boxing and masculinity: the history and (her)story of Oscar de la Hoya. In: HABELL-PALLAN, Michelle; ROMERO, Mary (Orgs.). *Latino/a popular culture*. New York: New York University Press, 2002.

SAMMONS, Jeffrey T. *Beyond the ring: the role of boxing in American society*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.

SUGDEN, John. *Boxing and society: an international analysis*. Manchester, U.K.: Manchester University Press, 1999.

TORRES, Maria de los Angeles. *In the land of the mirrors: Cuban exile politics in the United States*. Ann Arbor: University of Michigan, 1999.

ZANG, David W. The greatest: Muhammad Ali's confounding character. In: MILLER, Patrick B.; WIGGINS, David K. (Orgs.). *Sport and the color line: black athletes and race relations in twentieth century America*. New York: Routledge, 2004.

Recebido em 15 de outubro de 2015

Aceito em 18 de novembro de 2015